

**BREVE ESTUDO DO TRABALHO DE FACE  
PRESENTE NAS TIRINHAS EM QUADRINHOS**

*Roselaine Santana da Silva* (UEMS)

[roselainessilva@hotmail.com](mailto:roselainessilva@hotmail.com)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros* (UEMS)

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo fazer um breve estudo sobre os aspectos pragmáticos da língua portuguesa, usando as tirinhas em quadrinhos como ilustração. A pragmática é a teoria do uso linguístico em que noções como contexto extralinguístico, intenção do falante, interação verbal entre falante e ouvinte e ação são essenciais para a compreensão do que se pretende comunicar. Para suporte teórico, nos apoiaremos nos conceitos de trabalho de face, isto é, o esforço que fazemos para nos manter à altura da excelência que projetamos sobre nós mesmos e do tratamento que acreditamos merecer por parte dos outros. Serão utilizados conceitos de autores renomados nessa área, tais como Brown, Levinson e Goffman. Será mostrado que as palavras em uso assumem, muitas vezes, outros significados e que no momento da produção linguística, estabelecem-se relações entre o que é dito, o modo como é dito, a intenção com que é dito, a localização no espaço e no tempo, as funções sociais, as atitudes, os comportamentos e as crenças dos participantes.

**Palavras-chave:** Trabalho de face. Pragmática. Língua portuguesa. Tirinhas.

**1. Introdução**

A pragmática é a teoria do uso linguístico em que noções como contexto extralinguístico, intenção do falante, interação verbal entre falante e ouvinte e ação são essenciais para a compreensão do que se pretende comunicar.

De acordo com os conceitos teóricos dessa área de estudo, as palavras em uso assumem, muitas vezes, outros significados. Por isso, no momento da produção linguística, estabelecem-se relações entre o que é dito, o modo como é dito, a intenção com que é dito, a localização no espaço e no tempo, as funções sociais, as atitudes, os comportamentos e as crenças dos participantes.

O trabalho de face é um conceito pragmático que pode ser definido como o esforço que fazemos para nos mantermos à altura da excelência que projetamos sobre nós mesmos e do tratamento que acreditamos merecer por parte dos outros.

Este artigo tem por objetivo fazer um breve estudo sobre os aspectos pragmáticos da língua portuguesa, que envolvem polidez e o trabalho de face, usando as tirinhas em quadrinhos como ilustração.

Utilizaremos os conceitos de autores renomados nessa área, tais como, Brown, Levinson e Goffman.

## **2. Polidez e trabalho de face**

O conceito de face, desenvolvido por Goffman (1980), foi utilizado por Brown e Levinson (2000) para a elaboração da teoria da polidez, que, segundo os autores, diz respeito à busca do equilíbrio social, das relações cordiais e da preservação da harmonia das relações interpessoais por parte dos participantes, durante uma troca comunicativa.

Brown e Levinson (2000) acreditam que quase todas as ações, incluindo as elocuições, são, potencialmente, uma ameaça à face do outro; então, a polidez torna-se um elemento fundamental para a interação de grupos sociais, uma vez que serve para amenizar os atos de ameaça à face, que podem ocorrer através de ordens, pedidos, elogios, críticas e outros.

Brown e Levinson (2000) propõem dois conceitos de face: positiva e negativa. A face positiva corresponde ao desejo que todo interlocutor tem de ser apreciado, reconhecido e admirado, ou seja, diz respeito à forma como os membros desejam ser vistos pela sociedade. A face negativa está relacionada ao território do “eu”, da preservação pessoal e corresponde ao desejo de todo indivíduo em não ter suas ações impedidas pelo outro. É o desejo de liberdade da ação e do não sofrer imposição.

Quando a satisfação desses desejos é comprometida, dizemos que a face está ameaçada. Todo ato de enunciação pode se tornar uma ameaça às faces dos interlocutores.

O pedido, por exemplo, corresponde a uma ameaça à face negativa do interlocutor, pois pode ser interpretado como uma invasão ao território do outro. Assim, pedir para alguém confessar um segredo é ameaçar a face negativa do interlocutor, isto é, uma invasão ao seu “território”.

Podemos dizer que os atos que ameaçam a face positiva do locutor são aqueles que levam à própria humilhação, como o reconhecimento da sua fraqueza, da sua incapacidade ou das restrições pessoais. Ocorre quando pedimos desculpas ou admitimos um erro.

Os atos que ameaçam a face negativa do locutor exigirão dele o cumprimento da palavra enunciada, como a promessa e a aceitação de um favor.

Os atos que ameaçam a face positiva do interlocutor são todos aqueles capazes de colocar o narcisismo do interlocutor em perigo, como receber crítica, o insulto ou desaprovação.

Os atos que ameaçam a face negativa do interlocutor correspondem às violações territoriais, são os que ameaçam a liberdade de ação do interlocutor, como receber perguntas indiscretas, conselhos não solicitados, ordens e cobrança.

Há também atos que ameaçam as faces dos interagentes, ao mesmo tempo. Como dito anteriormente, pedir para alguém confessar um segredo é ameaçar a face negativa do interlocutor, mas, nesse caso, também pode significar uma ameaça à face positiva do locutor, que está se mostrando indiscreto. Insultar, ameaçar ou humilhar o interlocutor são atos ameaçadores à face negativa e positiva desse interlocutor, como também, atos ameaçadores à face positiva do locutor.

Dessa forma, cabe ao falante decidir se deve realizar um ato de ameaça à face ou não. Além disso, para neutralizar as ameaças à face, os interlocutores lançam mão de estratégias discursivas, por meio das quais, tentam envolver, seduzir, comover, convencer e influenciar as decisões uns dos outros.

Por fim, mesmo tendo se tornado referência para os estudos posteriores sobre polidez, a teoria de Brown e Levinson foi criticada. Tracy e Baratz (1994), por exemplo, além de questionarem a universalidade e o tratamento unicamente teórico dos processos de interação e dos trabalhos de face, consideram a teoria dos autores descontextualizada e baseada em situações individuais.

Para elas, faltam a Brown e Levinson a tentativa de aplicação da teoria à realidade, como ocorrências práticas de atos comunicativos, capazes de mostrar a influência das variações socioculturais.

### **3. *Preservação das faces: estratégias de polidez***

As estratégias linguísticas sociointeracionais são tentativas dos interlocutores de que as interações e os jogos de linguagem transcorram sem problemas. Elas podem ser de preservação das faces (*facework*), de

polidez e de negociação.

Segundo Brown e Levinson (2000), existem três tipos de estratégias de polidez, a saber: positiva, negativa e indireta.

Os autores identificam três fatores de natureza social que podem influenciar a escolha das estratégias do ato de ameaça à face, a saber: distância social entre os interlocutores, poder relativo do ouvinte sobre o falante e grau de posição de um ato sobre a imagem do falante e do ouvinte, ou seja, o teor de risco.

Se o risco é baixo, o falante procurará realizar o ato diretamente (*baldonrecord*), mas se for alto, o falante procurará usar uma estratégia através da qual o ouvinte precisará usar de inferência (*off record*).

A polidez positiva é o desagravo à face positiva do interlocutor. Consiste em satisfazer, parcialmente, as aspirações desse interlocutor, dando a entender que há desejos comuns entre ambos. Algumas estratégias de polidez positiva são: manifestar atenção ao interlocutor; exagerar na aprovação e simpatia pelo interlocutor; manifestar interesse pelo interlocutor; mostrar que se entende o que ele diz; evitar discordância e dar ou pedir razões, se justificando.

A polidez negativa acontece quando utilizamo-nos de expressões que evitem imposições ao interlocutor, como o uso de evasivas, como o desejo de não querer se comprometer com o outro. Relacionamos as seguintes estratégias, entre outras. São elas: ser convencionalmente indireto; ser evasivo, sem se comprometer; ser pessimista; mostrar deferência; pedir desculpas e oferecer compensações.

A polidez indireta (*offrecord*), como o nome diz, representa um ato comunicativo indireto, pois quem enuncia deixa uma saída para si próprio, pois permite ao locutor emitir atos ameaçadores da face, evitando responsabilidades ou deixando a interpretação por conta do interlocutor. Entre outras, destacam-se: fornecer pistas e sugestões indiretas; pressupor; minimizar a expressão, sem dizer tudo; exagerar a expressão; recorrer à tautologia e às contradições; ser irônico; usar metáforas; usar perguntas retóricas; ser ambíguo; ser vago e generalizar.

#### **4. Análise das tirinhas**

Vejamos agora, como as ameaças às faces dos interlocutores e suas estratégias atenuantes de polidez ocorrem nas tirinhas em quadrinhos

abaixo:

**Tirinha 1:**



[http://4.bp.blogspot.com/-sAcb-](http://4.bp.blogspot.com/-sAcb-fzwV6i4/VJhdgs3kMMI/AAAAAAAAAur0/TgffeeTLarg/s1600/tirinha%2Bturma%2Bda%2Bmonica29.gif)

[fzwV6i4/VJhdgs3kMMI/AAAAAAAAAur0/TgffeeTLarg/s1600/tirinha%2Bturma%2Bda%2Bmonica29.gif](http://4.bp.blogspot.com/-sAcb-fzwV6i4/VJhdgs3kMMI/AAAAAAAAAur0/TgffeeTLarg/s1600/tirinha%2Bturma%2Bda%2Bmonica29.gif)

A **Fig. 1** traz uma tirinha da Turma da Mônica, criação de Maurício de Sousa, em que podemos observar no primeiro quadrinho o personagem Cebolinha defendendo uma ideia.

Cebolinha (locutor) tenta convencer seus amigos (interlocutores) a participarem de um plano. Com essa ação, ele estaria colocando em risco sua face positiva, ou seja, a imagem social que ele sustenta, pois sua proposta pode não ser aceita pelos demais e, ao mesmo tempo, ameaçando a face negativa dos seus amigos, na medida em que há implícito, um pedido de apoio em seu discurso.

Para causar um sentimento de inclusão nos ouvintes, Cebolinha usa o pronome na primeira pessoa do plural “nosso plano”, na tentativa de convencer os outros para proteger-se.

No segundo quadrinho, Cascão faz o gesto que Cebolinha adotou como o de concordância a sua ideia e pedido, porém, no terceiro quadrinho, Cascão pergunta se pode ir ao banheiro, causando um efeito contrário ao esperado por seu interlocutor, Cebolinha.

Buscando preservar a sua face positiva e usando a estratégia de polidez positiva, isto é, sem nenhum embate, Cascão cometeu um ato ameaçador da face positiva de Cebolinha, pois, ainda que polidamente, expressa o desinteresse em juntar-se a ele.

**Tirinha 2:**



<http://juniorcba.files.wordpress.com/2007/08/mafalda380.jpg>

A **Fig. 2** é uma tirinha da personagem Mafalda, do cartunista Qui-  
no, onde a cena parte de um momento de conflito: o insulto de Mafalda a  
Susanita por causa de uma pergunta.

Quando diz que “nunca ouviu pergunta mais estúpida”, Mafalda  
não utiliza nenhuma estratégia de polidez, ao contrário, usa os termos  
“nunca” e “estúpida” para exagerar a ideia de absurdo expressa em sua  
fala.

Mafalda escolhe o modo *baldonrecord* para comunicar o que de-  
seja à ouvinte. Essa ação revela sua intenção de ameaçar a fase positiva  
de Susanita através do insulto, que segundo Brown e Levinson (2000),  
configura um ato de ameaça à face positiva do interlocutor, pois coloca  
em risco a imagem que ele tenta apresentar socialmente.

Em seguida, Susanita (agora locutora), na tentativa de defender  
sua própria face positiva, questiona sua interlocutora (Mafalda) sobre  
perguntas que ela teria o hábito de fazer (a respeito do mundo e de guer-  
ras). Utilizando expressões vagas (“não sei o quê” e “não sei o que lá”).

Susanita esvazia o sentido dos questionamentos de Mafalda para  
ridicularizá-la e assim, ameaçar-lhe a face positiva, visto que, para os es-  
tudiosos, toda vez que defendemos nossas faces, ameaçamos as faces de  
nosso interlocutor.

No terceiro quadrinho, prossegue com perguntas diretas e usa ex-  
pressões de ironia: “Só você pode...?”, “você pensa que é melhor?”. No-  
te-se que as perguntas são, de fato, afirmações, onde Susanita defende  
que não somente Mafalda poderia fazer questionamentos e, mais ainda,  
que ela não é melhor do que outros.

A partir da visão de Brown e Levinson (2000), podemos afirmar

que a fala de Susanita neste quadrinho, constitui uma crítica tão incisiva que não apenas corresponde a uma ameaça, como faz com que Mafalda perca sua face, visto que a personagem, então, deixa de participar do diálogo.

Filipe, um terceiro personagem, aparece ainda neste quadrinho, querendo saber qual é a pergunta de Susanita. Ao refazer sua pergunta, no último quadrinho, ela levanta questões que deixam todos sem resposta e nos faz retornar ao início da tirinha com a seguinte observação: Mafalda insulta Susanita para não cometer um ato de ameaça à própria face.

Brown e Levinson (2000) explicam que as confissões se classificam como atos ameaçadores à face positiva do locutor. Assim, se Mafalda admitisse que não sabia como responder ao questionamento de Susanita, estaria colocando em risco sua própria face positiva.

### Tirinha 3:



[http://1.bp.blogspot.com/--fK\\_gITeLwc/T\\_joaX5dHMI/AAAAAAAAAJ6g/c-SdJe5Tq8U/s1600/tirinha+turma+da+monica.gif](http://1.bp.blogspot.com/--fK_gITeLwc/T_joaX5dHMI/AAAAAAAAAJ6g/c-SdJe5Tq8U/s1600/tirinha+turma+da+monica.gif)

Na **Fig. 3**, temos uma tirinha da Turma da Mônica em que se passa um diálogo curto, elaborado em apenas dois quadrinhos. No primeiro, Mônica (locutora) pergunta a seu interlocutor, Cebolinha, por que não quer mais brincar de casinha.

A personagem faz uma pergunta direta, o que se entende por uma ameaça à face negativa do interlocutor. Mônica está utilizando o modo *off record* quando quer dizer algo, mas não se compromete diretamente, faz uma pergunta e deixa que Cebolinha entenda, por inferência, que ela gostaria de continuar brincando.

No segundo quadrinho, Cebolinha responde apenas com uma frase: “Adivinha!”. Neste ato, o locutor está também ameaçando a face po-

sitiva de sua interlocutora, mas de forma polida, pois ele usa o sarcasmo para que ela entenda os motivos pelos quais decide parar com a ação.

O leitor pode deduzir, através do contexto (Mônica tem uma maleta na mão, o que nos faz lembrar alguém voltando do trabalho e Cebo-linha está fazendo a limpeza da casinha), que sua insatisfação se deve à distribuição dos papéis na brincadeira dos dois personagens, além de trazer de maneira leve questionamentos sobre a função de homens e mulheres em nossa sociedade.

#### **Tirinha 4:**



<http://www.webtudo.net/wp-content/uploads/tirinhas-enracadas-humor46.jpg>

Na figura acima, vemos uma interação entre dois personagens criados por Daniel M. T., o criador, das tirinhas em quadrinhos “Dr. Pepper”. No primeiro quadrinho, o locutor (que é empregado) refere-se a seu interlocutor como “Chefe” e “senhor”, demonstrando respeito, que é uma estratégia de polidez.

O personagem inicia seu diálogo pedindo desculpas, antes mesmo de falar sobre o assunto que pretende levar ao conhecimento do ouvinte e explica que não tem aumento há cinco anos.

Com essas escolhas para iniciar sua fala, ele se utiliza a estratégias de polidez *off record*, transferindo para o chefe a interpretação do teor de seu discurso e minimizando, assim, os riscos de perder sua face positiva diante da reação do seu interlocutor.

Brown, Levinson (2000) e Goffman (1980), defendem que toda interação causa, a princípio, um desequilíbrio das faces do locutor e do interlocutor. Posto isso, os participantes desta interação, conscientes dos riscos, agem de forma a manter todas as faces envolvidas. No entanto, em situações de conflito de interesses, os interlocutores podem tomar ati-

tudes visando ameaçar a face do outro.

No caso da tirinha analisada, podemos perceber que o empregado tenta conseguir pedir aumento ao seu superior, que por sua vez, nega-lhe o pedido, sem causar uma situação de conflito.

No segundo quadrinho, o chefe interrompe a fala do empregado usando uma frase, aparentemente, fora de contexto: “Tudo bem, você está desculpado”. De fato não havia, por parte do subordinado, a intenção de pedido de desculpas, mas de iniciar de forma indireta um pedido de aumento de salário.

Como estão em posições hierarquicamente diferentes, o funcionário tenta atingir o seu objetivo e ainda defender sua face enquanto o chefe, interrompendo sua fala antes que a conclua, está recorrendo a uma atitude que se apresenta na teoria da polidez linguística como um ato de ameaça à face positiva do interlocutor, para se esquivar da necessidade de responder à sua solicitação.

### **Tirinha 5:**



<http://www.webtudo.net/wp-content/uploads/tirinhas3.png>

A tirinha 5 traz um casal envolvido em uma interação onde, no primeiro quadrinho, a jovem convida o rapaz (Charlie) para jantar com os avós dela. Os convites, bem como os pedidos, consistem em ameaças à face negativa do interlocutor, haja vista que podem colocá-lo numa posição de ter que responder algo ou ainda, justificar-se. No segundo quadrinho, o rapaz responde que prefere juntar-se aos seus próprios avós.

A jovem comenta: “Pensei que eles estavam mortos”, evitando perguntar diretamente sobre os avós de seu interlocutor (Charlie), mas fica clara a intenção de obter um motivo pelo qual ele recusa seu convite. Um comentário é uma estratégia de polidez onde se pretende questionar,

argumentar ou pedir algo de forma indireta, ou seja, o outro deve entender o objetivo nas entrelinhas do enunciado do falante.

Charlie, no quarto quadrinho, diz: “Eles estão”, recorrendo ao sarcasmo para não responder de forma direta, que não aceita o convite ou que preferia estar morto, ao mesmo tempo em que dá um tom de humor ao diálogo.

### **Tirinha 6:**



<http://www.tediado.com.br/wp-content/uploads/2012/12/tirinhas08.jpg>

Na tirinha número 6, observamos um casal que recebe uma visita. A mãe da esposa inicia o diálogo dirigindo-se ao esposo da filha, com uma estratégia de polidez: “Genro querido...vim passar um tempo com vocês.”. Utilizando a expressão “querido”, ela demonstra apreço a seu interlocutor e, na mesma frase, diz que veio “passar um tempo”, dando ideia de que ficará por longo tempo. Em seguida, explica: “Só irei embora quando enjoarem de mim”.

No quadrinho seguinte, o genro responde: “Não vai esperar nem um café?”, ou seja, deixa implícito que já enjoou dela.

Percebemos nessa interação, mais uma vez, o tom sarcástico do personagem que diz à sogra que ela já pode ir embora, sem usar palavras diretas e expressões que possam colocar em risco sua face positiva, diante da mulher e sua mãe, pois sua interlocutora pode interpretar a frase apenas como uma brincadeira.

Essa estratégia é útil para a manutenção de sua face quanto e a de seus interlocutores, pois, à medida que evita o conflito direto, ele deixa alternativas de interpretação e argumentos para justificativa em seu discurso (não se pode afirmar com certeza se, em sua resposta, o locutor diz o que realmente pensa ou faz uma piada).

## **5. Considerações finais**

Nos diversos contextos de interação social apresentados nas tirinhas em quadrinhos, as personagens envolvidas mostraram diferentes linhas de conduta. Ameaças às faces, estratégias de preservação e de polidez puderam ser observadas.

As personagens mostraram saber da necessidade de serem cooperativos uns com os outros se quisessem que suas imagens públicas, isto é, suas faces fossem construídas ou mantidas nas interações face a face, nas tirinhas apresentadas. No entanto, podemos observar que em alguns contextos da interação verbal os interlocutores optaram por cometer ameaças as suas próprias faces ou às de seus interlocutores.

Em alguns casos, as estratégias para amenizar ou evitar as tensões nas interações sociais, portanto, estratégias de polidez foram utilizadas como manutenção do equilíbrio social entre os interlocutores, de acordo com suas distâncias sociointeracionais e intenções.

Por fim, acreditamos que fazer um breve estudo sobre os aspectos pragmáticos da língua portuguesa, que envolvem polidez e o trabalho de face, usando as tirinhas em quadrinhos como ilustração, o objetivo deste artigo, pode facilitar a compreensão desses conceitos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GOFFMAN, E. A Elaboração da face, uma análise dos elementos rituais na interação. In: FIGUEIRA, S (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Trad.: J. Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

TRACY, K.; BARATZ, S. The case for case studies of facework. In: TING-TOOMEY (Org.). *The challenge of facework*. New York: State University of New York Press, 1994.